Imagem, Libras e palavra escrita: uma abordagem bilíngue no letramento inicial de surdos e autistas não verbais

Autor(res)

Dayse De Souza Lourenço Simões
Tirza Cosmos Dos Santos Hirata
Amanda De Lima De Almeida
Emilly Stéfanni De Souza Honório
Patrícia Aparecida Mendes Machado Attisano
Paulo Jorge Dias Filho
Natalia Da Silva Buganca
Andressa Caroliny De Lima Paulino
Silvia Akimi Cavaguchi Yano
Alessandra Vieira Cordioli

Categoria do Trabalho

Pesquisa

Instituição

UNOPAR / ANHANGUERA - TIETÊ

Introdução

O processo de letramento de estudantes surdos deve considerar as especificidades linguísticas e cognitivas desse público, respeitando a Libras como primeira língua (L1) e o português escrito como segunda língua (L2). De acordo com Soares (2004), o letramento é uma prática social que ultrapassa a simples decodificação, pois envolve o uso da leitura e da escrita em contextos significativos. Nesse sentido, atividades que promovam a compreensão da função social das palavras são fundamentais no processo de alfabetização e letramento dos surdos.
Além do ambiente escolar, essa prática pedagógica também tem sido adaptada para contextos clínicos, em especial em uma clínica de terapia que atende crianças ouvintes autistas não verbais, com o objetivo de ampliar as possibilidades de comunicação e introduzir o reconhecimento de palavras de uso cotidiano. Trabalhar as palavras sim e não e o reconhecimento do próprio nome fortalece a identidade e o sentimento de pertencimento (Perlin, 2010; Vygotsky, 1998), tornando o processo de aprendizagem mais significativo.

Objetivo

Promover o letramento inicial de estudantes surdos e de crianças ouvintes autistas não verbais por meio de uma proposta bilíngue que integra imagem, sinal em Libras e palavra escrita, favorecendo a compreensão da função social da leitura e da escrita, a construção da identidade e o fortalecimento das práticas comunicativas em contextos reais de uso da linguagem.

Material e Métodos

A proposta é baseada em uma sequência didática com atividades práticas e contextualizadas, aplicáveis tanto no

contexto escolar quanto terapêutico. Durante o desenvolvimento da atividade, promove-se uma conversa em Libras ou com o apoio de recursos visuais, explorando situações do cotidiano em que as palavras sim e não são utilizadas, juntamente com a construção de um registro visual coletivo com imagens que representam esses contextos, favorecendo a associação entre as palavras, seus significados e os diferentes usos em situações reais. A atividade seguinte consiste na apresentação de cartões que integram imagem, sinal em Libras e palavra escrita, incluindo também o nome de cada aluno acompanhado de sua foto, sinal e escrita correspondente, favorecendo a associação entre os elementos e a construção da identidade individual no processo de letramento. Em seguida, os alunos vivenciam situações práticas que incluem jogos de votação, em que respondem a perguntas simples com os cartões de sim ou não; a associação com o nome em jogos de chamada, organização de atividades e dinâmicas em grupo; e dramatizações que simulam situações cotidianas, utilizando os cartões com nomes e palavras para interação. A consolidação ocorre com a criação de um mural fixo com nomes e palavras em destaque, QR codes com vídeos em Libras gravados pelos alunos e registros fotográficos. Em ambiente clínico, há adaptação para murais móveis ou painéis digitais que possam ser utilizados em diferentes sessões. A avaliação é formativa e acontece por meio da observação das interações, verificando o uso funcional das palavras, o reconhecimento dos nomes e a capacidade de associação entre imagem, sinal e escrita.

Resultados e Discussão

A implementação dessa proposta favorece o reconhecimento visual e escrito das palavras sim e não, bem como o reconhecimento do próprio nome e dos nomes dos colegas, fortalecendo identidade e pertencimento, bem como possibilita a ampliação da comunicação de crianças autistas não verbais em ambiente clínico, facilitando os primeiros passos da leitura, a valorização da Libras como L1 e da escrita em português como L2, a criação de ambientes escolares e terapêuticos acessíveis, visuais e significativos, e o desenvolvimento da autonomia dos alunos para o uso funcional da leitura e escrita em situações reais.

Conclusão

O letramento de surdos requer práticas pedagógicas bilíngues que contemplem as especificidades linguísticas e cognitivas desse público. O uso do tripé Imagem + Sinal em Libras + Palavra Escrita, aliado ao trabalho com o nome próprio, potencializa o aprendizado e promove inclusão. Essa metodologia, ao ser adaptada para crianças ouvintes autistas não verbais, amplia o repertório de comunicação e facilita os primeiros passos da leitura. Com a introdução gradual de palavras curtas e contextualizadas, reforça-se que o letramento é uma prática social que conecta leitura e escrita às experiências rea

Referências

QUADROS, R. M. Educação de surdos: aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 2006.
SOARES, M. Letramento: um tema em três gêneros. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
TFOUNI, L. V. Letramento e Alfabetização. São Paulo: Cortez, 2010.
VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
PERLIN, G. Identidades Surdas. Florianópolis: UFSC, 2010.